

# Conferência de Cidadãos

“Como vamos melhorar a Educação nos próximos anos ?”

Torres Vedras – 30/11/2006

Toda a sociedade se pauta hoje pelo paradigma da complexidade contra a simplicidade de outros tempos. A Escola tem que criar um mecanismo de adaptação constante ao tempo. Todos os dias a Escola se confronta com novos e grandes desafios.

As profundas alterações sociais com reflexo na escola, e que paulatinamente desenham no seio desta instituição percursos escolares de insucesso, a par da alteração do espectro dos valores dos diferentes sectores da nossa sociedade, exigem à escola uma resposta consentânea com o que a sociedade espera dela.

Hoje a escola é permanentemente assediada com projectos, programas e campanhas. Nada se faz sem ser na escola ou passando por esta. Tudo se exige à escola. Por outro lado os Pais desejam ardentemente que a escola ocupe cada vez mais os seus educandos e que os ajude cada vez mais a encontrar as soluções de natureza educativa, formativa e de natureza social. A escola deixou de ser um local exclusivo de aprendizagens para passar a ser também um espaço de protecção e de guarda.

Parece haver, por vezes, alguns sinais preocupantes de *demissão* de alguns pais em relação à *sintonia* com a escola. E, no entanto, se há uma condição essencial capaz de possibilitar e favorecer algum *sucesso* pessoal e escolar de cada aluno, essa condição é o *acordo* e a *sintonia* entre a família e a escola em relação a valores e competências fundamentais.

É difícil educar para as competências e valores quando estes são negados fora da escola. E é impossível realizar essa tarefa com êxito se a escola se encontra sozinha para a realizar.

Se adicionarmos o confronto com os meios de Comunicação Social, de forma muito especial a TV, que introduzem muitas vezes conhecimentos e valores antípodas da oferta da escola (o que é importante é “Ter”; valoriza-se o imediato face ao “Quando”; e a regulação tende a ser a impunidade), verificamos que nos encontramos perante uma encruzilhada que requisita a solidariedade de todos, já que a Educação não diz unicamente respeito aos que lá trabalham.

A escola tem que neste confronto de forças, na complexidade e na diversidade, definir quais as competências básicas estruturantes a adquirir pelos seus alunos e assumir a promoção do seu desenvolvimento. Por outro lado a escola deve tomar consciência que pela sua diversidade cultural e social constitui um espaço de excelência para a aprendizagem da cidadania, através do desempenho de múltiplas funções e participação de inúmeras actividades quer de âmbito curricular quer de natureza do enriquecimento do currículo (Exemplos do Desporto Escolar e das Associações de Estudantes que podem e devem desempenhar um papel muito mais activo neste contexto).

A escola enquanto espaço gerador de relações internas e externas deve assumir a centralidade desta questão, devidamente acompanhada por outros organismos, não obstante a nossa débil cultura de participação e partilha.

## 1. O que queremos da escola ?

### 1.1. Que competências de cidadania devem ser adquiridas por todos os alunos na Escolaridade Básica Universal?

É neste contexto que considero as competências de cidadania abaixo registadas como fazendo parte de um conjunto maior e essencial à escolaridade básica:

- a) Crescer em **Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade**.

### 1.2. Que saberes e que competências serão fundamentais a todo o cidadão do século XXI ?

- a) Para além de **Ler, Escrever** (domínio da Língua Portuguesa) e **Contar** (raciocínio lógico – matemático) o cidadão do futuro terá de **utilizar os meios de Informação e Comunicação** numa era que será dominada pelo **conhecimento** (saberes) e capacidade de **inovação**.

## 2. Que formação para os novos empregos ? Que respostas locais podem ser dadas para melhorar a preparação dos jovens para a iniciativa, o empreendimento e a inovação ?

- a) A inserção imediata na vida activa do conjunto de alunos que concluíram o 9º ano de escolaridade, não deixa de criar uma situação sócio-profissional problemática àqueles jovens, já que estamos perante a ausência de uma qualificação profissional. O mesmo raciocínio podemos aplicar aos abandonos do Ensino Secundário e até aos Cursos Científico Humanístico deste grau de Ensino.

Esta reflexão leva-nos à necessidade de repensar um percurso escolar básico de cariz pré-profissionalizante e qualificante com formação constituída na base das profissões existentes no Comércio e Indústria local e de cariz tecnológica.

Daqui emerge a criação imperiosa da Rede Local de Formação, constituída pelo tecido empresarial e suas Associações, Escolas, Instituto do Emprego e Formação Profissional e Autarquias.